



Covid e as ciências sociais e outras conversas

Andreia dos Santos¹

Muito do que vislumbramos nos anos de 2019 a 2021 foi o acelerar do tempo, em função de uma vida em confinamento e colada nas redes sociais, imposto pela pandemia de COVID-19. A proposta de organizar um Dossiê sobre Covid e Ciências Sociais, uma das mais sensatas dentro do contexto pandêmico, gerou uma série de artigos, que somados aos de fluxo contínuo, recebidos ao longo do tempo, formam esse número da Revista Em Sociedade, no ano de 2021. As discussões em torno da pandemia permitiram reflexões que vão desde aspectos ligados à fome, até os registros de dor de familiares que perderam parentes para o vírus. Também buscou refletir sobre as expressões artísticas, dentro de um panorama das sensibilidades em torno das experiências sensíveis por meio da arte. Igualmente preocupante foi o interesse sobre o processo de estudo e aprendizado de alunos que, de forma inovadora, passaram a buscar, no ensino remoto, mecanismos de aprendizagem, mas indicam, por consequências, as dificuldades enfrentadas nessa modalidade de ensino.

Num outro momento da revista, apresentam-se as reflexões acerca de diversos campos do conhecimento, mas que confluem a partir de interesses sociais que impregnam a sociedade como um todo. Assim, o percurso dos autores em apresentarem suas preocupações sociais, versaram sobre as questões de expressão de arte, cidadania e racialização, gênero e criminalidade. De forma mais ampla, pode-se apontar um aprofundamento sobre as temáticas de gênero, conceitos e aplicações da temática, quando se fala de super-heroínas e, ainda, das representações, por meio da performance de teatro sobre gênero, trazidos por conhecimentos como os da arquitetura. As minorias ganham voz quando se colocam em curso as discussões em torno de cidadania e racismo. Por fim, a reflexão a partir da criminalidade e desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte, revela de que forma a correlação entre esses dois pontos de importância, em uma sociedade desigual como a brasileira, é estabelecida.

Ao tratar, de forma mais detida, sobre os artigos desse número, apresenta-se as discussões em torno do Portal dos Inumeráveis, iniciativa que teve como propósito homenagear as vítimas de COVID-19 no Brasil. Vítimas que, ao final do ano de 2021 somam aproximadamente 619 mil pessoas, num espaço de dois anos de vivência e mudança de hábitos

¹ Editora Chefe da Revista Em sociedade, professora do Departamento e curso de Ciências Sociais da PUC Minas.



mundiais – tratadas pelo isolamento social, ausência de convivências diárias, uso de máscaras e hábitos de higienização de mãos. As autoras buscaram retratar aspectos teóricos e metodológicos, por meio da análise do portal inumeraveis.com.br, que homenageia as vítimas da Covid-19 no Brasil com o registro de histórias de vidas que atribuem identidades e visibilidade às dolorosas estatísticas. Destaca-se que as autoras procuram, por meio da observação da plataforma, desenvolver novas metodologias a partir do método da Netnografia. Tal possibilidade proporciona a imersão como pretexto para a percepção de um campo discursivo de interação para consumo simbólico, conexão empática de novas sociabilidades e reafirmação de sensibilidades contra a banalização da morte.

Ainda refletindo sobre a pandemia, o segundo artigo contempla os aspectos de uma pesquisa sobre a expressão artística. Nesse caso específico buscou-se a música como representação do caráter particular no cenário contemporâneo, marcado pela pandemia mundial causada pela Covid-19. Os autores apontam que o objetivo é analisar o cenário artístico musical que se formou durante a extensão da pandemia causada pelo novo coronavírus, com enfoque na representação artística da realidade experienciada pelos artistas e a sua relação com as experiências individuais no contexto do isolamento social. Dessa forma, o estudo proposto, realizado no período de isolamento social, particularmente nos meses de maio e junho de 2020, permitiu que fossem analisadas as redes sociais, os fóruns de debates anônimos e não anônimos, os sites e os grupos musicais. Temos aqui mais um esforço de utilização das redes sociais como campo de investigação e estudo, em função da pandemia, abrindo novos cenários de pesquisa. Em relação a análise dos dados obtidos, partiu-se da seleção do material obtido em campo, em que foram selecionadas 11 músicas nacionais e internacionais, que indicaram que a música, especialmente no momento escolhido, é capaz de contribuir para a identificação de diferentes agrupamentos sociais, nos mais diversos territórios do mundo. Pode-se afirmar que a música tem um significado específico e é uma ferramenta política e social. Nesse contexto mundial tão peculiar e sem precedentes, pode reduzir as mazelas e as vulnerabilidades ao apontar que o altruísmo é possível, representa alívio para os seres humanos e pode contribuir para a construção de laços sentimentais afetivos e sociais, ainda que por meio do sofrimento coletivo.

Outro aspecto relacionado à COVID-19, que se viu crescer ao longo dos meses de convívio com a pandemia, foi a desintegração de projetos sociais e políticos que tiveram, nos últimos anos, papel relevante no controle da fome no país. Nesse sentido, os autores do ensaio – A Covid e a fome: panorama da fome no Brasil durante a pandemia -, buscaram apresentar,



de forma sucinta, a relação entre a ocorrência da pandemia de COVID-19 e o agravamento do cenário da fome no país. Para tanto, fazemos menção às políticas de desmonte de instrumentos públicos relevantes para o combate à fome no Brasil durante o governo Bolsonaro. Apresentamos dados recentes (2019-2020) do cenário da fome no país, que foram impactados pela pandemia e pela ingerência do governo Bolsonaro. Não são dados conclusivos, pois o Brasil ainda sofre com a pandemia e com as consequências das decisões tomadas durante o atual governo.

Por fim, destaca-se os inúmeros desafios enfrentados em relação ao estudo em momento de Pandemia. Dessa forma, os dados obtidos junto à Comissão Própria de Avaliação de uma instituição de ensino superior (IES) privada confessional, demonstram as dificuldades encontradas pelos alunos de graduação para continuidade do semestre, a partir da adoção de atividades remotas, devido à pandemia da COVID-19. Diante das informações obtidas, levou-se em consideração as características dos estudantes, assim como dos cursos em que estão matriculados. Em relação aos achados da pesquisa em foco, deve-se levar em consideração que as dificuldades analisadas abordam diferentes aspectos vivenciados no contexto de educação baseada no ensino remoto, durante a crise sanitária, que podem ser resumidas em dois grupos: (i) as de ordem biopsicossocial, incluindo problemas de concentração, de saúde, conciliação das atividades escolares e domésticas e (ii) as de ordem tecnológica, como acesso e funcionamento de equipamentos e dispositivos. Destaca-se um trabalho que, metodologicamente, busca nas medidas estatísticas um método de análise baseado em regressão logística, ou seja, quantitativo. Os principais resultados apontam as dificuldades de natureza biopsicossocial, com destaque para a dificuldade de concentração, sendo mais reportada entre as mulheres, os alunos mais jovens, os que estudam no horário da tarde ou em período integral. Dentre as dificuldades de ordem tecnológica, observou-se que a falta de conhecimento ligado à tecnologia se relaciona com idade, foi maior em alunos dos cursos das áreas de Ciências Humanas e Ciências Biológicas, menor entre os bolsistas PROUNI/Fies e maior entre aqueles com menor quantidade de horas semanais dedicadas aos estudos.

Os artigos que formam o fluxo contínuo, nesse número da revista, trazem para o foco da atenção as discussões em torno das redes sociais. Esse artigo foi escolhido para ser a interseção entre as duas seções da revista, já que aponta para a influência das redes sociais digitais no mundo contemporâneo. Muito do que se viu com a pandemia foi uma “aceitação” das redes sociais como forma de comunicação, trabalho, estudo e lazer. Os autores refletem



sobre as informações que são postadas a cada segundo e disseminadas com a mesma velocidade. Essas representam infinitas maneiras e formas dos sujeitos sociais se integrarem a determinados grupos, assim como a interação entre seus pares e o meio social, cada vez mais marcado por novas identidades e diferenças. Nesse sentido, mudam o foco e aprofundam a discussão em torno das múltiplas possibilidades de caminhos que abrigam diferenças étnicas, de gênero, entre outros. Nesse cenário, as figuras dos *influencers* se destacam, influenciando, principalmente, adolescentes e jovens que buscam incessantemente novas identidades e/ou se posicionar diante das diferenças. Os autores propõem uma revisão bibliográfica para compreender até que ponto as redes sociais são de fato positivas ou trazem aspectos negativos as pessoas. Por meio de abordagens conceituais, embasadas em autores como Bauman, Hall, entre outros, reforçaram que as redes sociais trazem benefícios à sociedade contemporânea, mas também disseminam ódio, preconceitos e estabelecem a desigualdade.

Na sequência, temos três artigos que versam sobre a temática de gênero, ou seja, uma das minorias que estão em pauta em nossa sociedade. Por caminhos diferentes, mas com a mesma mirada voltada para as discussões de gênero, o primeiro dos três apresenta questionamento sobre a abordagem sócio espacial convencional de arquitetos (as) e urbanistas. Tal perspectiva acontece a partir de uma crítica feminista às estruturas de dominação e ao modo que as teorias de gênero têm sido utilizadas no contexto das periferias brasileiras. Sob a ótica metodológica, parte-se de um estudo de caso, de forma mais específica, uma pesquisa-ação de um ano que experimentou, junto com quatro diferentes grupos de moradores da Vila das Antenas em Belo Horizonte, uma prática dialógica, a partir da discussão das relações de dominação ali presentes, para repensar os usos e possibilidades dos espaços segundo as demandas dos(as) próprios(as) moradores(as). De forma inovadora, as práticas que buscaram pelos dados partiram de dinâmicas realizadas pela lógica do Teatro do Oprimido, prática teatral sistematizada pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal. As autoras apontam que as dinâmicas realizadas com essa técnica resultaram em práticas bem-sucedidas, como alternativa ao enquadramento teórico convencional e às teorias de gênero ocidentais e eurocêntricas, partindo do corpo para levantar as questões de gênero e suas imbricações no campo investigado.

Outra abordagem de gênero versou sobre a desigualdade em que as mulheres estão submetidas no plano econômico capitalista. A autora parte de uma revisão bibliográfica que permite, não apenas aprofundar as discussões em torno dessa desigualdade, como também abordar discussões teóricas por meio dos Direitos Humanos e da cidadania, para, enfim, tratar



das categorias de gênero, raça e classe. Por ser um trabalho de revisão, a autora compreende que a opressão feminina, como um fenômeno interseccional, se manifesta de forma heterogênea para diferentes grupos de mulheres e que opera de acordo com a divisão sexual do trabalho. A crítica presente neste trabalho é essencialmente acerca dos limites na positivação dos direitos conquistados, especialmente para as mulheres pretas e pobres.

O último artigo sobre gênero traz uma abordagem analítica que busca compreender a construção de duas personagens super-heroínas – Mulher Maravilha e Capitã Marvel. Também se interessa em aprofundar no entendimento de como, no audiovisual, essa imagem é passada para o/a espectador/a. O estudo é construído a partir da discussão do gênero como categoria analítica, e do conceito de *male-gaze*, formulado por Laura Mulvey, em 1975, que se refere à forma como as mulheres do cinema são construídas e retratadas em filmes. Tal abordagem teórica revela que os diretores dos filmes, sempre homens, representam as mulheres a partir do seu olhar (masculino/*male-gaze*). Por isso, ao trabalhar com as duas heroínas, as autoras dos artigos avaliam como as personagens foram construídas para, assim, revelar o que há de mudanças e/ou permanências nessa representação. Sob a ótica metodológica, mais uma vez trazemos as muitas possibilidades de combinação de metodologias qualitativas, que constroem suas análises partindo da *etnografia de tela*. Assim, por meio do episódio piloto da telessérie *Wonder Woman*, de 1975, o filme *Mulher Maravilha*, de 2017, e o *Capitã Marvel*, de 2019, as autoras analisam de que maneira as heroínas são construídas, levando em consideração a marcação teórica desenvolvida de *male-gaze*,

Dentro das discussões sobre a cidadania, o autor do artigo seguinte, procura analisar a racialização presente na referida temática, tendo como recorte histórico as políticas neoliberais a partir dos anos de 1980, em nosso país. O estudo leva em consideração aspectos voltados para a cidadania, interligada à construção discursiva na ideia de raça e de gênero, sobretudo na permanência do discurso do mito da democracia racial. O texto foi elaborado pautando-se em discussões teóricas que permitem reflexões em torno do paradigma da “correção no reposicionamento do africano como sujeito de sua própria história”. Ainda aponta que esse ponto de vista se legitima devido ao fato de que no “deslocamento físico dos africanos durante o comércio europeu de escravos, fomos afastados de nossos centros culturais, psicológicos, econômicos e espirituais e colocados à força na cosmovisão e no contexto europeus.” (ASANTE, 2016, p. 10) A autor descortina elementos que demonstra a necessidade de



reformulação do conceito ou paradigma de cidadana, a partir de outras visões que não apenas a europeia.

Por fim, temos um artigo que nos coloca a luz das discussões em torno das causas de crime e sua relação com os indicadores socioeconômicos. Essa vinculação foi analisada a partir de dados de desemprego, calculados e levantados na RMBH, e sua associação com os crimes não violentos e violentos, tais como: furto, roubo e homicídio – respectivamente. Utilizando-se de metodologia quantitativa, os autores encontraram relação positiva entre desemprego e taxa de roubos e de furtos, por outro lado, o crime de homicídio tem uma relação negativa com o indicador desemprego. Além disso, a inferência mostra que a correlação entre esses fatores é mais forte no crime de furtos e entre os jovens. Dessa maneira, o estudo demonstra que há um vasto campo de estudos sobre a criminalidade na RMBH, que podem orientar as políticas públicas de segurança.